

comprovar a inegável vitalidade dos temas greco-latinos, evidencia também o grande incremento que as representações de teatro de raiz clássica tiveram entre nós, sobretudo, nos últimos vinte anos. De facto, metade dos espectáculos inventariados reporta-se a este período temporal, marcado por grandes eventos culturais como a ‘Expo 98’ e as Capitais Europeias da Cultura de Lisboa e do Porto.

A inclusão, num próximo volume, de índices de produtores, de encenadores e de autores que recriaram ou reinventaram os textos clássicos, ao possibilitar o cruzamento de informações dispersas e ao facilitar ainda mais a consulta, enriqueceria, a nosso ver, esta obra de referência para a história do teatro português e mesmo europeu.

CARLOS MORAIS

Carlota Maria Lopes de Miranda Urbano, *A Oração de Sapiência do P. Francisco Machado S.J. – Coimbra 1629 – Estudo. Tradução. Comentário*, (Estudos da FLUC, n.º 33), Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, 202 pp. [ISBN: 972-772-215-6].

A obra em epígrafe apresenta-nos um estudo de inegável qualidade sobre uma Oração de Sapiência proferida na Universidade de Coimbra, na abertura do ano lectivo de 1629-1630, pelo P.º Francisco Machado S. J., então professor de Retórica no Colégio das Artes, em Coimbra. As orações universitárias em latim, tanto as de abertura do ano lectivo como outras, têm sido, nos últimos anos, objecto de inúmeros trabalhos, aos quais acresce mais um, publicados sob a orientação do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, uma referência incontornável no panorama do estudo do Humanismo Renascentista em Portugal. Não há dúvida de que os frutos deste labor continuado sobre as orações universitárias muito tem contribuído para o conhecimento da vida cultural do século XVI. Esta dissertação, porém, tem o mérito de analisar uma Oração do início do século XVII, um período de transição entre o Humanismo Clássico e o Barroco, cujo estudo tem sido bastante descurado pela investigação.

Nos dois primeiros capítulos do livro, prefaciado pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, a autora apresenta uma análise cuidada da vida e obra do P.º Jesuíta, dedicando especial relevo à sua formação na Companhia de Jesus. F. Machado notabilizou-se sobretudo como orador, mas é também autor de algumas composições poéticas. A investigadora complementa, de forma oportuna, a apresentação da obra do P.º Jesuíta com a tradução e anotação de duas elegias que reflectem o gosto maneirista da época, atestando a sua veia poética.

A apresentação do texto latino e respectiva tradução da Oração de Sapiência, precedidas por uma análise introdutória, ocupam o quarto capítulo da obra, onde são facultados elementos que permitem definir e compreender o contexto histórico e social que está na génese desta Oração de Sapiência.

As próprias notas à tradução, claras e oportunas, muito contribuem para este objectivo. Carlota Miranda devolve à vida, com uma tradução cuidada e bastante agradável, um texto que o curso da história votara injustamente ao esquecimento — recordemos que a Oração era até à data um texto de difícil acesso, encontrando-se apenas em forma manuscrita.

Nos dois últimos capítulos, a investigadora, com um estudo cuidado e fundamentado, enquadra a Oração de Sapiência no contexto quer do pensamento restauracionista da Companhia quer das Orações de Sapiência do Renascimento.

A Oração pronunciada pelo P.^o F. Machado, como afirma Carlota Miranda, denuncia claramente a sua posição autonomista em relação à união das coroas de Portugal e de Castela, ainda que isso implique, algumas vezes, uma derrogação evidente do modelo instituído pelas Orações de Sapiência do século XVI. Recordemos aqui, a título de exemplo, dois aspectos apontados pela autora como reveladores da originalidade desta Oração em relação aos textos modelares do século XVI. Assim, quando seria de esperar o elogio do monarca Filipe III de Portugal, IV de Espanha, F. Machado procede ao elogio de um rei já morto, D. João III, que evoca «um passado áureo da nação soberana». Outro lugar comum das Orações de Sapiência é o louvor da cidade da Academia. F. Machado tece rasgados elogios não tanto a Coimbra mas, sobretudo, a todas as regiões do reino, exaltando “sentimentos de unidade e de dignidade nacional”. Subjaz à própria escolha e desenvolvimento do tema central da Oração — as riquezas da Sabedoria —, este desejo restauracionista: só a Sabedoria poderá redimir o estado de decadência moral e material a que chegou a nação, “só as riquezas da Sabedoria poderão salvar a nação”.

Um aspecto que torna menos agradável a leitura desta obra é a ocorrência de numerosas ‘gralhas’, que gostaríamos de ver corrigidas em posteriores reedições. Não querendo ser, de modo algum, exaustivos na menção das mesmas, vamos limitar-nos a indicar alguns exemplos como a questão da acentuação do infinitivo dos verbos compostos de ‘pôr’ que tanto aparecem bem como mal acentuados: ‘repôr’ por repor (p. 39, n. 99); ‘compôr’ por compor (p. 44, v. 122; p. 44, n. 123); ‘opôr’ por opor (p. 53, n. 24); ‘propôr’ por propor (p. 63, p.119, n. 27); ‘transpôr’ por transpor (p. 137); ‘expôr’ por expor (p. 143). O mesmo sucede com ‘epidítico’ por epidíctico (p. 28, 178); ‘fôr’ por for (p. 40, v. 24; p. 135, n. 46); ‘Hernani’ por Hernâni (p. 62, 158, 200); ‘Troia’ por Tróia (p. 141); ‘prégado’ por pregado (p. 163), entre outros.

Impõe-se uma outra correcção no que concerne à referência ao bibliógrafo sevilhano Nicolás ANTONIO, autor da célebre *Bibliotheca Hispana*, que surge indevidamente referenciado como NICOLAU, António (p. 12, n.5, e p. 201).

A apresentação gráfica do livro é bastante agradável na linha daquilo a que nos têm habituado os inúmeros volumes já vindos a lume da Colecção «Estudos da F.L.U.C.», estando muito bem conseguida, quanto a nós, pela sua sobriedade e elegância, a capa, onde ganha particular relevo o monograma da Companhia de Jesus.

O cotejo entre o texto latino e a tradução da Oração de Sapiência de F. Machado encontra-se bastante facilitado pela apresentação dos dois textos, lado a lado, com notas de rodapé à tradução. Já o mesmo não se pode dizer da disposição das duas elegias do mesmo autor (pp. 30-47), cuja tradução surge no seguimento do texto latino.

Em jeito de conclusão, consideramos que a obra de Carlota Miranda vem, seguramente, contribuir para lançar novas luzes sobre um período de transição da nossa história/literatura que nem sempre tem sido tratado com a atenção que merece. De facto, o estudo da autora oferece-nos uma visão privilegiada do ambiente cultural e social dos começos do século XVII, “quando no ar andavam já os ventos da Restauração”, que viria a ter lugar onze anos depois de ter sido proferida a Oração de Sapiência de F. Machado.

ANTÓNIO ANDRADE

Delfim Ferreira Leão, *Sólon, Ética e Política*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 522 pp. [ISBN: 972-31-0935-2]

Inicialmente apresentado como dissertação de doutoramento em História da Cultura Clássica, que Delfim Leão defendeu em 2000, na Universidade de Coimbra, este estudo, com ligeiras alterações, foi publicado em finais de 2001, pela Fundação Calouste Gulbenkian, disponibilizando a um público mais alargado um conjunto de informações úteis e preciosas sobre “a realidade ática, na viragem do séc. VII para o VI” (p.11), e sobre uma personalidade ímpar da Cultura Clássica, Sólon.

A obra em epígrafe divide-se em duas partes. Na primeira, a que o A. dá o nome de *Testimonia* são apresentados, traduzidos e analisados passos de diversos autores, “com o intuito de seguir a atenção crescente que a figura de Sólon despertou nos círculos intelectuais e políticos e, sobretudo, com o objectivo de avaliar a fiabilidade relativa das fontes” (p.11). Desta feita, o A., ao longo de sete capítulos, coloca-nos à consideração os testemunhos de maior confiança: Heródoto (I.1), que nas *Histórias* apresenta o primeiro grande testemunho literário relativo à figura do antigo legislador ateniense; vozes dispersas, que partilhavam entre si um sentimento de regresso ao passado glorioso de Atenas, designadas pelo tema da *patrios politeia* (I.2); relatos da história local de Atenas, à maneira de crónica, a *Atthis*, que, através dos seus autores — os Atidógrafos —, veiculavam informações sobre acontecimentos marcantes da vida da cidade (I.3); oradores áticos (I.4), os quais se revelam uma importante fonte para conhecer a obra de Sólon, por citarem com frequência normas da autoria do legislador, embora algumas lhe fossem abusivamente atribuídas; Aristóteles (I.5), um dos testemunhos individuais mais importantes para delinear o perfil do legislador, através da análise da *Constituição dos Atenienses* e da *Política* e da harmonização de dados relativos a Sólon, pelo confronto de uma obra com a outra; Plutarco (I.6), cujo testemunho é de “capital importância” (p.173), ao disponibilizar-nos, com a *Vida de Sólon* e o *Banquete dos*